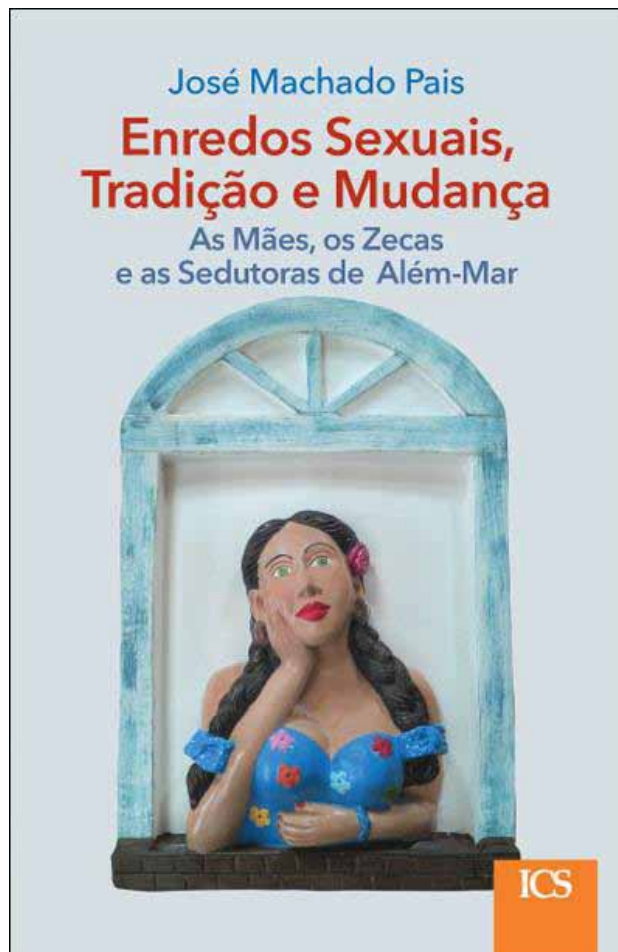


Enredos sexuais: entre Portugal e o Brasil



Humberto Martins

Mestre em Ciências Sociais pela Universidade de Lisboa (UL). Mestre em Antropologia Visual e doutor em Antropologia Social pela University of Manchester. Professor do Departamento de Economia, Sociologia e Gestão da Escola de Ciências Humanas e Sociais da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (Utad) e do Mestrado em Antropologia Interuniversitário Utad-Iscte-IUL (Instituto de Ciências do Trabalho e da Empresa - Instituto Universitário de Lisboa). Co-organizador, entre outros livros, de *Trabalho de campo: envolvimento e experiências em Antropologia*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2016. hmartins@utad.pt

Enredos sexuais: entre Portugal e o Brasil*

Sexual plots: between Portugal and Brazil

Humberto Martins

PAIS, José Machado. *Enredos sexuais, tradição e mudança: as mães, os zecas e as sedutoras de além-ar*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2016, 326 p.



Este é um livro de sociologia, sobre temas do quotidiano, sobre Trás-os-Montes, Portugal, Portugal contemporâneo, os portugueses a pensarem sobre si mesmos e (sobre) os outros - que afinal somos nós, sempre olhando ao Brasil numa espécie de namoro “sem jeito” a que os homens portugueses (transmontanos, brigantinos) e o autor se sujeitam. A modo de uma inversão do que cantava Chico Buarque de Holanda em o “Fado tropical”, e porque Machado Pais também recorre às letras de canções para dar substância explicativa ao tema das representações sociais, nesse medo (ou desejo) de “Portugal vir a tornar-se um imenso Brasil, cumprindo talvez um seu ideal” (no que respeita, desde logo, à sensualidade e à sexualidade que algumas brasileiras oferecem).

José Machado Pais faz uma sociologia que se aproxima do real, dos objectos e sujeitos de estudo. Não tem medo de se acercar, de subir as escadas, de entrar, de estar próximo do que quer e de quem quer conhecer. A sua microscopia *à la Simmel* (mas não miopia) é um dos traços do seu trabalho, não deixando nunca de pensar os fenómenos sociais à luz do “espírito do tempo” e de uma historicidade enraizante (de condições sociais macro). A sua sociologia, porventura escapando aos cânones mais valorizados nos tempos que correm, tem sempre um vínculo ao vivido e ao sentido. Machado Pais raramente se esconde, não se abstraindo do real ou mesmo sequer tentando dominá-lo. Não varre a realidade para debaixo de um tapete modelizado ou normalizador. A sua autoria é, enquanto tal, um acto de honestidade para consigo mesmo, para quem estudou e os seus leitores. Conta-se e conta-nos como foi e como fez, não temendo ser, até e em muitos momentos, confessional. Em Machado Pais e na sua obra, publicada e nesta em particular, há um acto de necessário esclarecimento ao leitor de como se conheceu, quando, em que circunstâncias e condições e, finalmente, de quem se é, o que, em última instância, determina e muito como se conheceu.

Mais uma vez, com este livro, o autor posiciona-se numa sociologia que não busca as regularidades e as grandes tendências mas procura olhar ao que subsiste para além delas, através de um ver cuidado e compreensivo do quotidiano, um terreno por onde Machado Pais prefere andar nesse seu jeito vagabundeante pelas veredas da (sua) vida – ou, dizendo de um outro modo, essa sua opção deliberada por um “emicismo endoetnográfico” – a expressão é dele – como chão onde cultiva as suas interpretações

* Nota do Ed.: foi mantida, aqui, a forma de escrita usual em Portugal, inclusive quanto à ortografia.

sociologizantes sobre o real do qual também é parte. Uma sociologia que não congela realidades, não define verdades mas, pelo contrário, se insinua como convite permanente a ver de uma outra forma, a querer conhecer bem (melhor). E não por acaso, atente-se à sua obsessão pela etimologia – sempre em busca do que as palavras querem dizer mesmo (particularmente visível neste livro no seu sexto capítulo).

Neste clássico não dilema, porque há espaço para todas as sociologias (e suas variadas formas, escalas, metodologias), entre o ver de perto e o ver ao longe (através dos grandes números), é na primeira que o autor se situa, sabendo que o mundo (também) se faz assim – nos encontros e interações de microescala onde o quotidiano, o nosso quotidiano como vida vivida é produzido em substância observável. Como dizemos na antropologia, é uma sociologia de *flesh and blood* esta a que Machado Pais nos convida. E o autor navega(ria) muito bem em águas antropológicas. A sua autoatribuição da categoria etnógrafo é reveladora desta sua forma de pesquisar, especialmente descrita no segundo capítulo deste livro. Entre um género quase policial – com descrição minuciosa dos seus passos e indagações à procura das prostitutas e de ex-proprietários de casas de alterne, assume-se também como detective, de facto – e um género mais novelístico, dando-nos conta de uma acção em episódios do qual o próprio, circunstancialmente, se tornou parte integrante (sendo muito observado), Machado Pais relata-nos uma cidade do interior português a um nível de detalhe tal que ficamos a conhecer suas ruas e ruelas, os seus cafés, os seus donos, o frenesim da sua vida diária. É assim que a sua sociologia é produzida, buscando nesse real vivido e experimentado, nesse terreno pisado, a teoria a partir da qual confere sentido ao mesmo. Os termos que usa são, como tal, os que achou por onde andou (no sexto capítulo o autor desenvolve um argumento muito interessante sobre a importância das categorias nativas).

Do ponto de vista metodológico, Machado Pais aventurou-se numa espécie de trabalho de campo longitudinal (disperso no tempo); ora só, ora acompanhado por colegas pesquisadores brasileiros, lá se arriscou pelo nordeste transmontano à procura, qual detective, das famosas mães de Bragança. Recordo-me de um dia me ter perguntado por alguém que poderia ter informação sobre o assunto. Andava eu por Miranda do Douro, terra que aparentemente escapava imune, qual oásis, ao pecado que morava ao lado (Bragança, pois claro). 2003 assinalou o ano desse mediatizado “movimento” de mulheres preocupadas não tanto (ironia) com as saídas nocturnas dos seus homens mas mais com a poluição moral que Bragança, terra hospitaleira e pacata, parecia enfrentar com a presença de mulheres (prostitutas) brasileiras que trabalhavam em casas de alterne. No entanto, e como mostra o autor, nem o fenómeno era apenas de Bragança nem somente deste tempo, nem ainda uma coisa só de homens à procura de sexo. Apesar da publicitação do mesmo, tendo inclusive direito à sua internacionalização através da revista *Time*, mulheres prostitutas, casas de alterne e relações entre homens e mulheres sempre existiram e não só em Bragança ou Portugal.

Não são novas as incursões de José Machado Pais pelos terrenos “mais recônditos”, como o próprio diz, da sexualidade, da intimidade, dos namoros, enfim do amor. A atracção do autor por estes “objectos de desejo” vem de longa data; só para citar alguns dos seus livros: *A prostituição e a Lisboa boémia*, *Artes de amar da burguesia*, ou o artigo, publicado, em 1985, com o sugestivo título “De Espanha nem bom vento nem bom casamento:

sobre o enigma sociológico de um provérbio português”. *Enredos sexuais, tradição e mudança* dá-nos a conhecer um pouco mais deste tema, em particular o da prostituição ou das trabalhadoras do sexo, mas não só. É de Portugal, dos portugueses, dos homens e mulheres portuguesas, da sua sexualidade, da sua intimidade e da relação com o corpo, a família, a moral e os costumes que este livro nos fala. É, finalmente, de uma relação com um outro, “a mulher brasileira”, que também aqui se trata, de migrações, circulação e mobilidade de pessoas, de novas economias - enfim, de dinâmicas transformativas das sociedades e das pessoas nas quais se inscrevem os temas anteriores. O livro mostra-nos uma pesquisa em tons etnográficos que cruza a presença, as entrevistas e a análise documental – que, em bom rigor, cumpre uma das marcas epistemológicas da sociologia do autor –, a reivindicação de uma historicidade do quotidiano. Ou seja, a procura, para além da espuma do quotidiano vivido, dos fundamentos das práticas e das representações dos vários actores.

Para o fazer e porque a realidade estudada é multifactorial e precisa ser desconstruída nas suas fachadas mais enganadoras, Machado Pais envolve-se em contactos com múltiplos agentes. Polícias, mães, padres, feiticeiras, proxenetas, prostitutas, clientes, donos de cafés (também de subir) e casas de alterne, jornalistas, sindicalistas, associações de apoio às mulheres, psicólogos, alunos de escola secundária são recursos necessários para dar perspectiva científica ao fenómeno tornado objecto de estudo. A trama social, qual enredo de telenovela já vista (é o autor que nos recorda e bem o que seguramente muitos de nós já víamos em *Tieta do agreste*, *Roque Santeiro* ou a tão famosa *Grabriela, cravo e canela*), revela uma multi-gencialidade que dá ao “movimento das mães de Bragança” outros contornos e uma outra profundidade analítica. Não são só muitas outras questões que estão em causa, para além do óbvio - “as putas brasileiras em Bragança” – como sejam as relações homem-mulher e o tema de uma moral homogénea, nomeadamente; são também as necessárias desconstruções de facto relativamente a algo que é criado e alimentado no plano das representações colectivas – sociais e hegemónicas. A boa sociologia, a boa ciência social assim se faz, como bem nos ensinava Sedas Nunes, um dos grandes impulsionadores da sociologia portuguesa. Há que perguntar bem, há que indagar a realidade social para sairmos das falsas aparências. Afinal, o que era isso do movimento das mães de Bragança? Afinal, quem e o que estaria por detrás? E o que veio depois? São perguntas a que o autor procura responder, inevitavelmente estabelecendo conexões temáticas explicativas ou simplesmente associativas.

Os oito capítulos constituem etapas de uma investigação em ciências sociais e de uma viagem não só por Bragança e o Nordeste Transmontano, mas um pouco por Portugal e sempre olhando ao Brasil. São esses tráfegos transatlânticos justificados pelo tema do livro e o seu objecto de estudo. Nos encontros entre homens portugueses e mulheres brasileiras (às vezes numa cama) projectam-se tantas outras coisas que Machado Pais precisa de compreender e conhecer nessa sua ânsia por ver para além da espuma do quotidiano. Um quotidiano que lhe interessa, muito, mas que precisa de ser revisto numa profundidade analítica que o e nos transporta para analogias, comparações e inscrições translocais e históricas.

Feita a apresentação do objecto do desejo (de pesquisa) do autor no preâmbulo a jeito de uma analogia com a fotografia na qual a regulação da abertura da lente (sociológica) lhe (nos) permite ir (re)focando o que

(a) parece menos óbvio (ou, mantendo a analogia, mais desfocado). É um trabalho de revelação o que nos sugere Machado Pais no seu preâmbulo; deambulando ao som e letras das canções festivas, faz-nos rever a nossa (talvez nossa apenas) portugalidade, sexualidade, conjugalidade, intimidade a partir do jogo de papéis homem-mulher na sociedade portuguesa (e representações sociais associadas) e do modo como este se tem (mais ou menos rapidamente) transformado ao longo do tempo.

O primeiro capítulo, “Mães de Bragança”, apresenta o movimento, propondo uma leitura abrangente sobre a cidade, as mulheres (portuguesas e brasileiras), os homens, as relações homem-mulher no plano da conjugalidade e da sexualidade. Nada é preto ou branco simplesmente, e Machado Pais dá-nos conta das diferentes nuances encontradas relativamente a estes temas. Os diversos acessos ao assunto e aos factos configuram, no âmbito desta busca pelo processo de fabricação de uma representação social, uma heterogeneidade deveras pertinente. Pois bem, a quem se pergunta, consoante o seu lugar social, geracional e, mesmo ou sobretudo, o seu interesse económico, faz depender estas representações, nomeadamente sobre as meninas brasileiras. O fenómeno é relativizado num quadro comparativo no qual sobressaem outros lugares e outros tempos com uma estória semelhante. Afinal, sempre houve prostituição, afinal (vejam bem) nem todos os homens vão às putas, nem todas as brasileiras são meninas de alterne. O capítulo posiciona a questão num contexto explicativo que ajuda à desconstrução de estereótipos sobre uma série de temas relacionados (ser mulher, ser homem, ser brasileira), que, aliás, serão recuperados no sétimo capítulo.

O segundo capítulo, “A todo o terreno: subir ou não subir”, apresenta-nos mais um pouco da forma de trabalhar do autor. Todavia, não se esgota em aspectos metodológicos. Ficamos a conhecer Bragança através de ricos detalhes etnográficos e vários protagonistas desta “novela” da vida brigantina. O tema da prostituição é revisto nas suas inscrições variadas, desvelando-se as teias de um fenómeno (processo) bem mais complexo, desde a economia (como expediente familiar), às redes migratórias, à alteração da vida social das cidades do interior nos últimos anos. Um capítulo no qual também se fala dos tipos de clientes e de prostitutas (suas trajetórias) e onde ficamos a saber que o seu trabalho não passa apenas pelo serviço sexual. Para alguns homens elas são as suas conselheiras sentimentais. No terceiro capítulo, “A casa, a cabra e as cercas”, fala-se sobre família (constituição de), sexualidade, casamento e casa/património. Com base em textos antropológicos, de literatura e etnografia popular identificam-se os modelos dominantes de organização familiar e social. São as relações entre rapazes e raparigas, as escolhas dos parceiros, as questões da herança que marcam depois as trajetórias dos indivíduos que vão às meninas. Sexualidade amorosa vs. sexualidade controlada constitui o pano de fundo que historicamente situa a bastardia e as escapadas (ou facadas no matrimónio). Numa geografia cultural que não se esgota apenas em Trás-os-Montes, Machado Pais aborda o tema do sociocentrismo a partir do qual se percebem as lógicas das escolhas das parceiras para casamento e, por consequência, as idas às meninas.

No quarto capítulo, “Os desapossados: queres ou não queres Maria?”, abordam-se os temas da juventude, do adiamento do casamento, da falta de mulheres. Mas também da falta da disponibilidade das mulheres (serão só portuguesas?) para a sexualidade num quadro familiar no qual outros

aspectos são prioritários (os filhos, as tarefas domésticas e a casa), recorrendo com especial atenção às letras brejeiras das canções de música “pimba” para nos ajudar a compreender. A representação da “mulher íntegra”, associada às tarefas do lar e menos a uma sexualidade criativa, assenta numa construção moral por comparação com a puta. E inclusive compreende-se a aceitação por parte das mulheres (serão só as portuguesas?), incapazes de satisfazer os seus maridos. O tema da construção da masculinidade (que é recuperado e desenvolvido no oitavo capítulo) também é mencionado. O capítulo 5, “Máscaras, diabos à solta e feiticeiras”, mais uma vez faz-nos viajar entre o Brasil e Portugal, numa geografia cultural na qual se abordam a Festa dos Rapazes e os caretos. O autor enfoca a iniciação à virilidade dos rapazes mas também as loas (pelo sarcasmo, ironia, injúrias) que visavam solucionar o problema do casamento (arranjar parceiros). Através destes rituais ajuda-nos a perceber a relação entre homens e mulheres /rapazes e moças, a *performance* sexual das mulheres e dos maridos, com canções e ironia (metáforas) à mistura. O sexto capítulo dá-nos conta de um misterioso chá de amarração, uma espécie de afrodisíaco que teria o poder inquestionável de “prender” os homens portugueses às sedutoras de além-mar. O argumento explora o poder de atracção de soluções “irracionais” no seu objectivo de prender parceiros da interacção relacional e sexual. Todavia, mais do que ficar por aqui, o capítulo transporta-nos ao plano evocativo e referencial das palavras, ou seja Machado Pais envolve-se numa trama, que na verdade o faz jogar às escondidas (ou ao toca e foge) com um termo (palavrão) proibido que designa aquele chá. O poder da palavra, das palavras, aparece esboçado como argumento para acedermos ao inaudito – à cultura, ao imaginário, ao inconsciente. Pode bem ser considerado um ensaio de sociolinguística no qual o autor procura explicação para uma proibição e para um sentido de uma palavra “que[m] nós sabemos” (não apenas o seu significado), afirmando o seu uso histórico e socialmente contextual e circunstancial – desde logo na diferença entre Portugal e o Brasil.

Os dois últimos capítulos, qual duelo *westerniano*, colocam frente a frente mulher brasileira e macho lusitano, perspectivados como mito, isto é, a partir de construções idealizadas de tipos sociais. O sétimo capítulo, “A brasileira no imaginário luso”, acerca-nos, uma vez mais com a devida leitura histórica, às representações criadas sobre a mulher de além-mar. Primeiro a índia, depois a mulata, desfilam no texto de Machado Pais exemplos dessa relação entre os portugueses e as (outras) mulheres do Brasil. A mulher brasileira é comparada com a portuguesa mas não só. Fala-se de um Brasil e de uma língua como lugar idealizado (doce) a partir do plano das representações hegemónicas criadas em torno do ser brasileiro e do ser mulher brasileira, agora e cada vez mais, deste lado do oceano, em Portugal. E não é só do ser prostituta brasileira que fala o capítulo. Neste jogo de apresentações e re-presentações a mulher brasileira tenta ultrapassar o estigma e o preconceito do qual aparentemente parece já não escapar. É uma questão de sensualidade, de corpo, de relacionalidades e de cabeça - isto é, mais uma vez do plano das representações de uns e de outros. O oitavo capítulo, “O macho lusitano: graças e desgraças”, fala-nos do português, visto por ele próprio, na afirmação da sua masculinidade (das suas qualidades e *performances* sexuais), e pelos outros (gozado nas suas limitações, conservadorismo e ingenuidade). Seguindo o guião dos outros capítulos, confrontam-se perspectivas, cruzam-se olhares desde lá e cá, desconstrói-se a certeza de um valor absoluto. De novo pela inscri-

ção histórica, isto é, pela devida contextualização, Machado Pais ajuda a compreender os estereótipos criados e alimentados ao longo do tempo. Do imigrado, iletrado, pobre, ao explorador, passando pelo colonizador constrói-se a base de formas díspares de representação do português (algumas, a certa altura, alimentando sentimentos antilusitano). O homem que foi ao Brasil à procura do prazer sexual aí ancora a imagem do macho lusitano (qual macho lusitano?), de apetites incontrolláveis pela brasileira (qual brasileira?) de um colonizador que escravizava e dominava. Estamos no plano do imaginário e do ressentimento, do trauma histórico, do confronto identitário entre colonizado e colonizador, entre o passado e o presente. Finalmente, o macho lusitano surge-nos como uma necessidade de afirmação de uma identidade, de um domínio simbólico (que, em muitos casos, no que diz respeito à *performance* sexual não condiz com a realidade). Afinal, quem manda em quem?

Para terminar, a jeito jocoso, perguntava-me um colega antropólogo no outro dia, desafiando a minha avaliação sobre a forma de pesquisar de José Machado Pais. “Humberto, o Zé (ca) subiu?” Respondi, “sim, sim o Zé(ca) também sobe”. Leiam o livro, desfrutem com a sua leitura e fiquem a conhecer mais da sociedade portuguesa, dos portugueses e portuguesas, das brasileiras, do Brasil, como construção e nação, e de um sociólogo que nos oferece sempre estes outros lados mais avessos da vida social (do nosso mundo aí). Tal como o próprio o refere na conclusão deste livro, as mães de Bragança como movimento e como fenómeno são uma das janelas para entender a intersecção da tradição e da mudança – neste caso particular nos planos, sujeitos e níveis anteriormente referidos: sexualidade, família, papéis sociais, masculinidade, feminilidade, intimidade. Prostituição e sexualidade são a ponta de um *iceberg* na qual se projectam sociedade e individuo, valores sociais e subjectividades. É aí que Machado Pais situa o seu argumento. Pensar o quotidiano e o óbvio como janelas para muitas outras coisas.

Resenha recebida em outubro de 2016. Aprovada em novembro de 2016.